



Complexo de Édipo: versão psicológica do mito

José Euclimar X. de Menezes¹

*Para Mercedes Carvalho,
cúmplice de sonhos.*

Resumo

Qual o significado da presença do rei Édipo na obra de Freud? A concepção criada por Freud a respeito da cultura na psicanálise carece de uma demonstração, o que se tentará fazer neste artigo.

Palavras-chave: Epistemologia; metapsicologia; Complexo de Édipo; Desejo

Abstract

Oedipus complex: psychological version of the myth.

What does the presence of King Oedipus mean in Freud's works? The conception Freud created about the cultural material in psychoanalysis needs demonstration. In this paper is possible to find an exercise about that.

Keywords: Epistemology; Metapsychology; Oedipus complex; Desire.

O problema

Da erudição de Freud, todos nós estamos informados (GAY, 1989; JONES, 1979; KAUFMANN, 1982; MEZAN, 1985, dentre outros). O cientista que descobriu o funcionamento inconsciente do psiquismo considera inúmeras elaborações culturais com o objetivo de lançar luzes sobre a complexidade do comportamento humano. Dentre elas, o mito grego destaca-se nos textos do nosso autor. Coisa muito comum aos cientistas das ciências humanas de fim de XIX e início de XX, como demonstra Fromm (apud MULLAHY, 1965, p 21): “No século passado, o conhecimento da mitologia grega era essencial para qualquer pessoa poder considerar-se educada. A gente estudava-a e admirava-a. Foi interpretada numa pluralidade de processos: historicamente, filosoficamente ou esteticamente”.

O destaque realizado pelo presente artigo reside na elaboração de Sófocles, o Mito de Édipo. Ele, seguramente, não é só uma demonstração do caráter erudito do pensamento freudiano, mas se constitui, traduzido, num eixo de sustentação da teoria psicanalítica. E quando assim afirmo, quero expressar exatamente que:

1. Freud não está ilustrando sua teoria, mas oferecendo à ela um sustentáculo; 2. Não está fazendo uma concessão estética, mas precisando como compreende a estrutura psicológica pela qual cada ser humano é caracterizado; 3. Não está fornecendo exemplos à sua hermética argumentação, mas oferecendo um elemento substancial de sua compreensão do psiquismo. O que aqui defendo é que Édipo seja um dado metapsicológico, vale dizer, esse conceito é parte integrante do modo de pensar psicanalítico, ao menos o freudiano, e não um empréstimo que a psicanálise estaria fazendo do material da cultura. E para entender o manejo de Freud ao transformar o mito num dado de sua teoria, portanto, um conceito muito próprio, é necessário que coloquemos em relevo alguns pontos que receberam um destaque no seu trabalho.

É preciso que se diga com todas as letras: Édipo catalisa uma triangularidade. O que isso quer dizer? Antes de mais nada, que o sujeito expresso no Mito, e depois no Complexo é, sem sombra de dúvida, tensionado entre dois objetos de amor e ódio: o pai e a mãe. Édipo não se define por si, mas é definido por um conjunto complexo de relações, nas quais ele próprio transparece com sua saga. Ou seja, Édipo é o expoente da estruturação psíquico-familiar. Ele representa o jogo relativo que ocorre no interior da família, que move cada um dos seus componentes.

Desse modo, falar de Édipo é falar de sua mãe, da relação que os caracteriza, dos desejos nutridos, das tensões que neste entrelaçamento vivem os humanos. Igualmente é falar do pai, do envolvimento necessário com esta figura, representante de uma função tão importante no ocidente: proibição e prescrição, papel atribuído no ápice da civilização à lei. Logo, qualquer que seja a porta de entrada para a análise deste Mito transformado em Complexo mergulhamos, de chofre, no drama familiar que nos caracteriza enquanto sujeitos que representamos e afetados por emoções. Em outros termos, a estrutura psíquica tem o molde da estrutura familiar no pensamento freudiano. Eis o que me cabe demonstrar.

Sófocles e o mito

Sófocles é um dos três escritores representativos do apogeu da Atenas de Péricles. Estamos em pleno século V aC no qual o ateniense tem orgulho de constituir uma cultura que, após a catastrófica guerra contra os persas, renasce soberba sob a gerência de Péricles e uma legião de legisladores, artistas, políticos, filósofos, arquitetos, escritores, etc. Os parceiros de Sófocles são Ésquilo (525-456) e Eurípedes (480?-406 ac). O primeiro é o apologeta da força da comunidade tragando o indivíduo, expressão da fé inabalável na ordem justa do mundo, sancionada pelos deuses. O herói de Ésquilo ousa afrontar essa ordem. O segundo esforça-se por compreender a ordem do mundo, mas dando aos seus personagens não uma fé, mas um ceticismo quanto à justeza e sacralidade dela.

E Sófocles? É o mais antropocêntrico dos três: seu herói é aquele que questiona, debate, busca razões, estabelecendo uma antítese entre vontade humana

e disposições do destino. Nem aceita cegamente a força do destino, nem dá de ombros à cla. Pelo contrário, a enfrenta para melhor compreende-la. Melhor ainda: Tenta compreende-la, para compreender a si mesmo.

Édipo Rei (441 aC) é exemplar dessa característica fundante e fundamental do herói de Sófocles. Diz-se (CARPEAUX, 1976) que, do ponto de vista pragmático, o autor a utilizou na defesa do direito de gerir seus recursos até o fim da vida, contra a ameaça de interdição que Iofonte, seu filho legítimo, impetrou no judiciário ateniense. A acusação dizia respeito à incapacidade do pai, envelhecido, conduzir bem o que acumulara. Sófocles ganhou a causa.

Édipo traz uma marca da família: a maldição que seu pai, Laio, recebeu de Pélope, por atribuir o suicídio de seu filho Crísipo à responsabilidade do próprio Laio. O filho do Rei e Laio eram amantes, e esse idílio é interditado por Pélope. No fundo, o pai de Édipo comete as ações pelas quais o próprio Édipo será intimado a se responsabilizar. Mas é preciso que Édipo nasça. Laio retorna à Tebas e casa-se com Jocasta. Desta união surge o rebento, sinal da felicidade que parece ignorar a maldição de Pélope. Laio porém está atormentado e consulta o Oráculo: escuta dele que se tiver um filho, este o assassinará e se casará com sua esposa. Previsível a sequência: Laio tenta se livrar do filho.

Contudo, o pastor, a quem é atribuída a tarefa de aniquilar Édipo, não o mata, e ocorre de o menino chegar às mãos do rei de Corinto, Pólipo, que o cria como filho. Depois de crescido Édipo toma conhecimento de que é adotivo e sai à procura da verdade. Consulta o Oráculo que lhe diz seu destino: parricídio e incesto. Para escapar da sina, foge de Corinto para Tebas. No caminho, numa briga, mata um homem. E segue para Tebas. No meio do caminho, já parte do destino está cumprida: o assassinado é Laio.

Em Tebas reina o medo. A esfinge, monstro que é metade mulher e metade leão, propõe um enigma que ninguém decifra, e somente a solução livrará Tebas do domínio tirânico do monstro. Assim, Creonte, governante de Tebas, oferece um prêmio para quem solucione o enigma: o trono e a mão da rainha de Tebas.

No enfrentamento da Esfinge, Édipo propõe a solução do enigma: “O homem, que na infância se arrasta sobre pés e mãos, na idade adulta anda, e na velhice recorre ao auxílio de um bastão” (SÓPHOCLES, 1952). O enigma do animal com funções várias no correr da vida é decifrado, logo, trono e rainha são assumidos.

Os reis de Tebas geram 4 filhos. A cidade floresce, até que é assolada por uma peste misteriosa. Édipo pede a Creonte que consulte o Oráculo que profere: a peste assola Tebas porque ela agasalha um criminoso. Édipo se indigna e incita o povo a encontrá-lo:

Proíbo que qualquer filho da terra onde me assistem dê guardia ou conversa ao assassino, seja ele quem for; que o aceite nos cultos do lar, que divida com ele a água lustral! Eu ordeno, ao contrário, que o enxotem de suas casas, todos, por ser aquilo que nos torna impuros.

conforme acaba de nos revelar, por seu oráculo, a fala do deus! [...] E ainda mais: rogo aos céus, solenemente, que o assassino, seja ele quem for, sozinho em sua culpa ou tenha cúmplices, tenha uma vida amaldiçoada e má, pela sua maldade, até o fim de seus dias. Quanto a mim, se estiver o criminoso na minha casa, privando comigo, eu espero que sofra as mesmas penas que dei aos demais.

Diabólicas palavras que surtirão o efeito “feitiço contra o feiticeiro”. Começa a investigação que não tem exclusivamente o dado da objetividade, mas do desvelamento da subjetividade. Quem é o criminoso?, leva, inexoravelmente, ao: Quem é Édipo frente à sua própria consciência?

Interpelado, o sábio cego Tirésias se recusa a falar. Vencido, vaticina: “És tu o assassino que procuras!” Na montagem do quebra-cabeça complexo, Édipo tem acesso à verdade do seu círculo trágico. Jocasta suicida-se. Édipo vasa os olhos e se refugia longe. Pune-se de três modos dos crimes de parricídio e incesto: 1. Como indivíduo porque matara o pai e esposara a mãe; 2. Como rei que decretou uma pena, e um rei cumpre sua palavra; 3. Como elemento social que, sabedor de sua culpa, não a transfere para sua cidade, mas a assume. Esta tripla punição se traduz na cegueira e no exílio. A figura de Édipo potencializa a consciência frente à qual os vestígios mais íntimos da identidade não se escondem. Édipo enfrenta a si mesmo, assume seus erros, a despeito de serem inconscientes. É inexorável.

Contudo, o mais fascinante da peça reside em que as deliberações punitivas não são enunciadas de fora para dentro, do ambiente social para o indivíduo, da moralidade ou legislação para a mentalidade do sujeito, mas de um dispositivo interno, a consciência. Uma espécie de Imperativo Categórico kantiano que diz: torne-se, efetivamente, quem você é, mediante a retidão dos seus atos.

São duas as conquistas de Édipo: uma, chegar ao trono de Tebas. Essa se compreende sem delongas, dado que é visível, transparente, desejável, se reconhece de imediato: é a conquista social. A outra exige um pouco mais de análise: trata-se da conquista de si, de ordem espiritual. Longe dos aplausos dos súditos, do conforto do trono, do prestígio que seu governo trouxe, dos louros conquistados no exercício sábio do poder, Édipo agora está envelhecido, na penumbra, cego, contenta-se com pouco e redime-se dos seus crimes. Na moral da história encontramos na origem, atos involuntários que são cometidos. Se Édipo soubesse, certamente teria lutado contra a sua realização criminosa. Aliás, suas fugas são a demonstração cabal disso. Contudo, uma vez cometidos os crimes, não se furta ao cumprimento do seu dever: assume-os, observando as punições estabelecidas.

Afirmar que Édipo está enlaçado por Jocasta, que, digamos à moda freudiana, visualiza seu desejo incestuoso. Jocasta se constitui num dos pólos definidores da identidade de Édipo não só como criminoso, porque, diga-se, o crime é estabelecido socialmente, logo, secundariamente. Trata-se de uma proibição e, como tal, lhe antecede um desejo. Aquilo sobre o que se abate a lei é a razão de ser

da própria lei. Portanto, o desejo de incesto é o mote da sua proibição. O destino, segundo os gregos, leva Édipo a cumprir seu desejo. Antes de ser crime, trata-se de um desejo, e Jocasta, a mãe, é o representante desta realização.

Igualmente se pode afirmar de Laio: como pai, é figura sagrada a ser preservada, porque instaurador da ordem social, balizador dos papéis a serem cumpridos. Em Laio está concentrada a função de limitar Édipo, de prescrever e proibir suas ações, de castrá-lo. Assim, eliminá-lo implica limpar as dificuldades do caminho para realização do desejo de posse da mãe. Os dois vetores que constituem o perfil edipiano, são, pois, Laio e Jocasta. São como colunas a darem sustentação à subjetividade de Édipo. É na convergência destas duas *personas* que Édipo se torna si mesmo. Como ter consciência disso? Questão encaminhada pelo Mito de modo trágico, modo pelo qual o herói assume seu destino cheio de conflito entre desejar e dever.

Freud e o Complexo

Data da pré-história da psicanálise o interesse de Freud pela moldura familiar como fonte estruturante do comportamento humano. Basta lembrar os **Estudos Sobre Histeria**, de 1893/5, cujo texto é um esforço de quatro mãos (construído com Breuer) para explicar as causas da conduta histérica, a saber, a transposição para o corpo de conflitos psíquicos. Na justificativa, Freud formula o conceito de trauma psíquico que quer dizer o seguinte: alguns fatos ocorridos na biografia de um determinado sujeito são tão intensos, que se tornam insuportáveis para uma representação mental. Por exemplo, a morte do pai, um grande susto, a perda de um grande amor. Desse porte é o trauma sexual. As crianças não compreendem o mundo adulto, e algumas investidas eróticas de adultos no mundo infantil podem ser traumáticas porque a criança não está aparelhada física e psicologicamente para responder à situação.

Ora, é justamente isso que se apresenta como conteúdo das narrativas arroladas no consultório do Dr. Sigmund Freud. Suas pacientes, belas jovens filhas da burguesia européia do século XIX, trazem um discurso truncado sobre os seus males emocionais. Todos os sintomas são desprovidos de justificativa, quer dizer, as causas, descobre Freud nas suas pesquisas, estão depositadas numa memória inconsciente, efetivadas quando as jovens tinham tenra idade. Em termos simples: elas foram objetos sexuais de um adulto, via de regra, um parente muito próximo.

Na teoria psicanalítica, esse estado de coisas é traduzido com o nome de **Teoria da Sedução**. Quer dizer, com ela Freud compreende que o psiquismo registra, sem atribuir significado, uma série de ocorrências sedutoras do mundo adulto sobre as mentes e corpos infantis. É suficiente que se leiam os primeiros casos clínicos de Freud para que se tenha uma pletora de situações como estas. E, pasmem os senhores, o causador-mor desses traumas é a figura paterna, ou alguém próximo da paciente.

Deixo de lado o caráter bizarro da **Teoria da Sedução** e considero o ponto que me propus aqui trabalhar: já neste ambiente bem inicial de suas formulações, Freud nos diz da importância da figura paterna para a organização psíquica. Ele ordena, baliza, dita as regras do comportamento da histérica, aturdida com uma demanda incestuosa que ela, a todo custo, pretende rechaçar. O modo para o fazer, ocorre mediante o expediente histérico. A histeria, posso concluir, seria uma saída para o conflito psíquico que a histérica montou, cujo conflito se expressa entre as representações da própria sexualidade (ela já não é mais uma criança e agora entende elementos vividos quando a sexualidade não fazia sentido), e as representações da moralidade. A histérica assume uma espécie de punição frente ao que sofreu como objeto passivo de uma investida de um adulto.

Vocês devem estar se perguntando: mas o pai, cometendo atentado às suas filhas? Freud só pensava naquilo, até nesta relação tão sublime? Podem todos os pais serem tarados? Lhes asseguro que essa inquietação atormentou Freud entre os anos de 1888 até 1896. Ele confessa ao seu melhor amigo:

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontado lentamente em mim nos últimos meses. Não acredito mais na minha neurótica. Provavelmente, isso não será inteligível sem uma explicação; afinal, você mesmo considerou digno de crédito aquilo que pude lhe contar. De modo que começo a lhe dizer historicamente de onde vieram as razões da minha descrença. O desapontamento continuo em minhas tentativas de levar a uma única análise a uma conclusão real, a debandada de pessoas que, por algum tempo, tinham estado aferradíssimas à análise, a falta de sucessos absolutos com que eu havia contado e a possibilidade de explicar a mim mesmo de outras formas os sucessos parciais, à maneira habitual – esse foi o primeiro grupo de motivos a constatar (FREUD, apud MASSON, 1986).

Evidente que trata-se de um argumento clínico. No campo da definição metodológica, pode-se dizer, à moda de Popper que se trata de oferecer uma qualidade para “[...] uma teoria daquilo que usualmente é chamado de experiência” (1974, p. 41). Ora, sabemos o que para Freud a clínica representa: ponto de partida e de retroalimentação de seu esforço de teorização. Nesse âmbito a método-lógica freudiana é profícua. Sua casuística o comprova. Mas para além do esforço descritivo dos seus casos, o que a letra freudiana faz é um esforço hercúleo na direção de elaborar leis, estabelecer postulados, arrolar probabilidades e demonstração que possam ser universalizadas.

Nesse sentido, o que está sendo apresentado nesse desabafo a Fliess é que a associação entre causa da histeria e os seus sintomas, o efeito, não pode receber um nexos direto afirmativo. Muito simplesmente: o conjunto de casos inventariados no consultório de Freud não legitima que se sustente, do ponto de vista teórico,

a argumentação de que a neurose histérica tenha sido causada por pais despidorados. Os dados são os seguintes: impossibilidade de encontrar um fundamento factual às narrativas das histéricas; o abandono da análise por parte das pacientes nos momentos mais importantes do tratamento, isto é, o momento no qual se conduzia a paciente a recordar as cenas traumáticas; a impossibilidade de tornar o atentado uma invariante na causação da histeria.

O resultado é o seguinte na cabeça de Freud: 1. Ou o trauma foi tão violento que se torna impossível recordá-lo, dado que a moralidade se interpôs; 2. Ou as histéricas são mentirosas; 3. Ou o método de investigação parte de premissas equivocadas; 4. Ou ainda a direção metodológica não está bem determinada.

Vale a pena transcrever a seqüência da carta:

Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de pervertido – a percepção da inesperada freqüência da histeria, com predomínio precisamente das mesmas condições em cada caso, muito embora, certamente, essas perversões tão generalizadas contra as crianças não sejam muito prováveis. A incidência da perversão teria que ser incomensuravelmente mais freqüente do que a histeria, porque, afinal, a doença só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos e um fator contributivo que enfraqueça a defesa (FREUD, apud MASSON, *ibidem*).

Podemos interpretar da seguinte maneira o trecho destacado: é uma loucura considerar que os adultos, os pais, na sua totalidade, sejam perversos. É contra o bom senso considerar que a relação de amor do pai para com seus filhos seja sempre de natureza incestuosa. Que haja pais que se manifestem de forma erótica para com seus filhos, não deriva daí que todos tenham o mesmo comportamento.

O terceiro argumento pode ser destacado como sendo de natureza metapsicológica: “[...] não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram investidas pelo afeto. Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais” (Idem).

Este ponto é de extrema importância para o propósito deste artigo. Considere-se que a terapêutica freudiana usa um espécie de procedimento arqueológico, buscando nas camadas da memória da vida do sujeito a razão de ser, a causa do seu comportamento. Ora, a memória mais arcaica do sujeito, a inconsciente, não é fidedigna ao mundo factual. Eis o significado deste postulado freudiano: a organização dos elementos constitutivos da memória ocorre ao arbítrio do próprio sujeito, que “arquiva” estes elementos seguindo um critério subjetivo. Isto é, cada sujeito humano oferece uma arrumação muito própria dos elementos constitutivos de sua memória.

Mas isso não é tudo: o sujeito humano procede com a fertilização, a modificação, o acréscimo, a transformação e a recriação dos elementos que foram capturados pela memória. De modo muito simples poderia dizer que a memória leva em consideração a operatividade da fantasia. O arquivo inconsciente não tem comprometimento com o mundo histórico, real. É claro que dele captura a matéria prima com a qual vai constituir sua ordem. Contudo, a combinação desses elementos, a transformação de outros, o lugar e a importância oferecido a outros, é o procedimento que o psiquismo se utiliza para montar a memória.

Todo esse encaminhamento foi realizado para oferecer o destaque que pretendo: “Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúmes de papai, e agora o considero um fenômeno universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas” (FREUD, 15/10/1897, p. 271).

Para se compreender melhor este itinerário faz-se mister que se contemplem os textos produzidos por Freud entre 1893 até 1897. Nesses quatro anos, o que ele persegue é a causa justificadora da histeria. Encontra uma invariante: uma ligação misteriosa com a sexualidade, sem que se possa comprovar que sexualidade possa ser traduzido por atentados sexuais de adultos aos corpos e mentes infantis. Mas uma coisa se pode apontar como fundante dos fenômenos histéricos: em todos os casos existem elementos comprobatórios que a histeria foi constituída por uma fantasia erótica, vale dizer, se não ocorreu um fato como um atentado, a criança, porque amada, cuidada, acariciada, assistida integralmente pelo adulto, o transforma no seu objeto de amor, o fantasia como ativador de sua sexualidade.

Convenhamos que se trata de um argumento bastante razoável: o sujeito humano, nas suas carências mais fundamentais, necessita do outro para satisfazê-las. Pelo curso natural das coisas, quem oferece o peito, quem protege, quem limpa, quem acaricia o bebê, quem o introduz no mundo da linguagem, das significações, dos símbolos, da negatividade, das possibilidades, é a dupla parental. Dado isso, partindo do pressuposto que a memória se organiza na infância, é conseqüente admitir que os dois pilares sobre os quais se assenta todo o edifício mnemônico do indivíduo sejam as funções paterna e materna.

O interessante é que Freud estava à procura de uma justificativa para a histeria. Termina por se deparar com um postulado que permite compreender a estruturação psíquica do universo dos homens: a estrutura edipiana. A histeria passa a ser uma forma alterada, mais pronunciada de manifestação dessa estrutura. Mas esta é uma invariante que justifica o modo pelo qual os homens investem em suas condutas.

Estou antecipando um pouco as coisas por conta da natureza de um artigo, isto é, sua brevidade. Analisamos pontos relativos à **Teoria da Sedução** e à **Teoria da Fantasia**. Embora elas sejam provisórias para a amplitude da reflexão freudiana, posso afirmar que é graças às descobertas que Freud faz nestes períodos que ele pode apresentar, no famoso texto de 1900, **A Interpretação dos Sonhos**, a própria

estruturação psíquica se realizando em moldes edipianos. O roteiro arqueológico que realizamos nos permite agora apresentar, sem mais delongas, o esforço de universalização das descobertas freudianas no âmbito da histeria. Não se trata de uma providência que particularmente o histérico arranja para acomodar os elementos que constituem sua memória. Antes, o modo edipiano de lidar com os afetos é universal a todos os homens.

Senão vejamos o uso do Mito e sua transformação em Complexo na análise do sonho, este fenômeno que ocorre a todos nós, seres de desejo. No V capítulo do texto, intitulado **O material e as fontes do sonho**, Freud explicita sua concepção de um aparato psíquico estruturado nos moldes da relação triangular da família. Seu ponto de partida é a clínica das psiconeuroses que oferece em destaque o investimento do afeto na dupla parental. Isso é suficiente, de acordo com a argumentação, para transformar os pais nas representações que desempenham um papel principal na vida anímica do enfermo. O modo como na infância aplicou os afetos nestas representações, é determinante para justificar a neurose da qual está acometida na idade adulta. Contudo,

[...] não acredito que os psiconeuróticos se distingam das crianças que serão normais neste aspecto; [...] Muito mais verossímil, e abonado por observações ocasionais de crianças normais, é que eles nos dão a conhecer, em forma extrema, esses desejos enamorados ou hostis dirigidos aos pais que com maior nitidez e intensidade ocorre na alma de quase todas as crianças (FREUD, 1900, p. 269).

Em sua compreensão do psiquismo, Freud já coloca em relevo que não há diferença de natureza, de estrutura entre a normalidade e a patologia. Isso significa que o ser humano, independente do modo como vai ordenar, utilizar, processar suas representações e afetos, tem uma estrutura psíquica invariante. Aliás, o esforço de Freud para se aprofundar no estudo do fenômeno onírico aponta para a ratificação deste postulado. Se a clínica de Freud se acerca das psiconeuroses, em sua reflexão, os fenômenos ali observados, exigirão uma justificativa mais universalizadora. Por isso o recurso ao sonho, dado ser um fenômeno que nos ocorre a todos. O que os sonhos privilegiam? Seguramente o nosso investimento infantil nas figuras que primeiramente amamos e odiamos, nossos pais, a representação psíquica deles.

E neste momento de sua argumentação que Freud usa o recurso de apoio ao Mito: “Em apoio a esta idéia, a Antigüidade nos legou uma saga cuja eficácia total e universal só se compreende se a nossa hipótese da psicologia infantil for também universalmente válida” (1900, p.270). O que Freud está encaminhando é algo da ordem do estatuto de qualquer ciência, a universalidade. Leis, hipóteses, postulados, enunciados só podem ser validados se atingirem consideravelmente, se não em sua totalidade, o raio objetivo que pretendem explicitar. Nesse sentido, o que ele está apresentando é que a formulação literária da Antigüidade tem, potencialmente,

a competência de explicitar bem mais que dramas e tragédias culturais daquele período. Em sua estrutura, o que está recôndito é o esforço de exhibir o elemento essencial da constituição dos seres humanos, a saber, sua ordenação psíquica a partir dos modelos de organização familiar. Freud é bem explícito na retomada do drama de Sófocles, **Édipo Rei**. Apresenta-o ao leitor destacando, em primeiro lugar a filiação de Édipo, depois o seu destino em função do Oráculo, a ciência da condição de filho adotivo que o impele em busca da verdade, o assassinato do pai, o enfrentamento da Esfinge, a posse do trono de Tebas e da mão da rainha e mãe, a felicidade do reino, a peste que o acomete, a consulta ao Oráculo, revelação do segredo, a procura do criminoso, o reconhecimento da culpa, a postura aguerrida de Édipo por purgar a culpa cegando os olhos e se auto banindo de Tebas.

Freud, após o rápido exame das partes constitutivas da peça literária indaga a razão pela qual Édipo Rei comove todos aqueles que a acedem, mesmo aos modernos espectadores. Resposta:

Se Édipo Rei comove aos homens modernos com igual intensidade que o fazia aos gregos contemporâneos de Sófocles, a única explicação é que o efeito da tragédia grega não reside na oposição entre o destino e a vontade dos homens, senão na peculiaridade do material em que essa oposição é mostrada. [...] Seu destino nos comove unicamente porque poderia ter sido o nosso, porque antes de nascermos o oráculo lançou sobre nós a mesma maldição. Quem sabe a todos nós não tenha sido imputado dirigir a primeira pulsão sexual para a mãe e o primeiro ódio e desejo violento para o pai (1900, p.270).

Portanto, a estrutura desiderativa que comanda o nosso ser nos lança nesta tensão da qual não se pode escapar. Não somos derivações simples da natureza. Não somos exclusivamente um feixe de determinações biológicas que nos impele a um comportamento meramente instintivo. Somos sujeitos de desejo. Isso significa que empreendemos a nossa existência alterando, realizando rupturas com as determinações naturais, de um lado, e, por outro, somos impelidos à construção do nosso ser. O sentido disso é que, enquanto seres de desejos, estamos inteiramente atentos às nossas demandas as mais egoístas. O desejo, por definição, é afirmativo da individualidade. É um eu imperativo que está enunciando: desejo. Contudo, em contrapartida, faz parte desta nossa constituição os outros. Aqueles com os quais primeiro lidamos, e os mais significativos outros de nossas vidas, segundo Freud, são os nossos primeiros amores/ódios, os nossos pais. Com eles aprendemos que o caráter imperativo do nosso desejo deve ser limitado. Desejamos, mas isso não implica a efetivação do que desejamos. Também somos sujeitos que aprendem que da nossa estrutura também participa o dever. Assim, as prescrições que afirmam o que podemos fazer a partir da conjugação das demandas individuais e das injunções sócio culturais, nos são apresentadas no aprendizado de que devemos. Ao mesmo

tempo, nos damos conta das interdições às quais estamos submetidos, isto é, que a nossa vida, significativa parte dela é constituída de negação do que desejamos.

Daí a conclusão de que o desejo nasce já interditado, se queremos garantir o convívio humano. Já no âmbito familiar isso é fundante e fundamental. É isso que está dizendo Freud. E as condições psicológicas para que a solidez da tarefa de humanização seja estabelecida, são uma exigência do início de nossa existência. Despencamos no mundo já ungidos desta tarefa, deste destino: seres de desejo que somos, nos reconhecemos criminosos porque o conteúdo do nosso desejo coincide com as determinações mais fundamentais de fundação da cultura e do processo de humanização.

Portanto, nosso destino não é senão o da neurose. Somos instados a renunciar àquilo que nos constitui, os nossos desejos mais íntimos, em função da outra dimensão daquilo que também nos constitui, o dever. Esse é o nosso preço, mas por causa disso também temos um destino menos infeliz que o de Édipo: “Porém, mais afortunados que ele, e dado que nos tornamos psiconeuróticos, conseguimos desatar de nossa mãe a nossa pulsão sexual e a esquecer os ciúmes que possuímos do nosso pai” (FREUD, 1900, p.270).

Isso tem um nome em psicanálise: sublimação. Porque a imperatividade dos desejos edipianos não foi atenuada, Édipo teve um destino tão trágico. A nós, que aprendemos a sublimar, transformar, docilizar os nossos desejos, cabe-nos o destino da psicose.

NOTA

¹ José Euclimar Xavier de Menezes é doutorando em Filosofia Moderna na Unicamp. É pesquisador do CNPQ, professor da UCSal e da faculdade Ruy Barbosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPEAUX, O. M. **Édipo Rei de Sófocles**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

FREUD, S. **A etiologia da histeria** SE. Vol. III. 1896.

———. **A interpretação dos sonhos**. SE Vols. IV e V. 1900.

———. **A sexualidade na etiologia das neuroses** SE. Vol. III. 1898.

———. **Epistolário** . Biblioteca Nueva. Madrid, 1963.

———. **Estudos sobre a histeria** . SE Vol. II. 1892-95.

———. **Histeria** SE Vol. I .

- FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**. 1895.
- . **Três Ensaios sobre a teoria sexual**. SE Vol. VII. 1905.
- FROMM, E. **A missão de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GABBI Jr., O. F. A origem da moral em psicanálise. In **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Série 3. Vol. 1. N.2. Unicamp - Julho/Dezembro, 1991.
- GAY, P. **Freud, uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JONES, E. **A Vida e a obra de Sigmund Freud** Vols. I, II e III. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- . **Hamlet e o Complexo de Édipo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.
- KAUFMANN, P. Freud e a teoria da cultura. in **História da filosofia: Idéias e Doutrinas**. Vol. 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- MASSON, J. M. **A correspondência completa de Freud a Fliess**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MENEZES, J.E.X. **Fábrica de deuses: a teoria freudiana da cultura**. São Paulo. Unimarco, 2000
- MEZAN, R. **Freud, o pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MULLAHY, P. **Édipo: Mito e Complexo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1965.
- POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SOPHOCLES **Oedipus the King**. London: Britannica Great Books V. 5, 1952